



A MEMÓRIA E OS SISTEMAS MEMORIAIS

Marcos Galindo Lima, Majory Oliveira Miranda, Borba da Rocha Vildeane

Resumo

Este artigo descreve a pesquisa intitulada Os Sistemas Memoriais e reflete as inquietações demandadas por pesquisadores associados ao grupo de pesquisa Memória e Sociedade, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e ao Laboratório Liber, todos ligados ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (DCI-UFPE). Partindo de uma abordagem sistêmica, o projeto busca entender os fundamentos epistemológicos específicos que cercam a memória, aqui entendida como objeto científico afeto ao campo da Ciência da Informação. Para este fim, tenta-se (justificar, dar corpo, fundamentar) o ponto de vista que compreende a memória como domínio científico, a partir do qual se pretende construir uma cadeia relacional de significados, instrumental lógico, este utilizado para fundamentar teoricamente os postulados do grupo. A proposição justifica-se na sua utilidade para o desembaraçamento teórico da noção de memória como objeto de pesquisa subordinado ao domínio da Ciência da Informação (CI), uma vez que permite constantes interrogações filosóficas que passam a reger princípios éticos e motivacionais entre os investigadores. Toma-se por objetivo o permanente questionamento sobre a responsabilidade e função social do corpo teórico que sustenta a ação científica do PPGCI e dos grupos de pesquisa a ele associados.

Palavras-chave: Memória, Epistemologia do conhecimento, gestão da informação, PPGCI/UFPE.

1 INTRODUÇÃO

O tigre de hoje tem que ser tigre como se jamais houvesse existido tigre algum: não tira proveito das experiências milenares por que passaram seus semelhantes no profundo fragor das selvas. Todo tigre é um primeiro tigre; deve começar desde o princípio sua profissão de tigre. Mas o homem de hoje não começa sendo um homem, mas, ao contrário, herda as formas de existência, as idéias, as experiências vitais de seus ancestrais e parte, portanto, do nível representado pelo passado humano acumulado sob seus pés. [...]

ORTEGA Y GASSET, *Missão do Bibliotecário*. p. 29.

A antropologia física e a paleontologia têm buscado encontrar a prova do momento zero, aquele instante em que o homem deixa a condição animal e torna-se *Sapiens*. Nesta prospecção o máximo que conseguiram alcançar foi a evidencia de que, há dois milhões e trezentos mil anos atrás, surgiu o primeiro símio *homo*, com 50% a mais de capacidade craniana que seus ancestrais *australopithecus*. (STRINGER, 1994; MCHENRY, 2009) Esta classe de primatas bípedes conseguia opor o polegar aos



demais dedos, condição que lhes facultou o uso livre das mãos. Esta feliz inovação permitiu-lhes o desenvolvimento da exótica habilidade de criar ferramentas artificiais que amplificavam suas capacidades naturais e lhes conferiam versatilidade e competitividade.

Outras características distinguiam esta nova espécie no seu ambiente. Ser generalista, desprovido de habilidades naturais e ser portador de um inusitado conjunto de inovações na sua capacidade intelectual. O novo ser que se construía aprendia com novas experiências; armazenava e aperfeiçoava informação; falava linguagem complexa e principalmente, era capaz de disseminar socialmente o conhecimento armazenado.¹

As novas capacidades, além de despertar o homem para uma nova relação com o meio, exigiram que ele passasse a refletir de modo estratégico. Esta mudança implicou naturalmente no permanente desenvolvimento da racionalidade que foi se re-elaborando a cada dia à medida que o homem descobria e aperfeiçoava novos instrumentos. “Essa capacidade de aplicar um conhecimento para criar ou redefinir um artefato ou modo de se relacionar com o meio, constitui-se nas primeiras formas de expressão da tecnologia. (LIMA, S/D)

Para o interesse de nosso estudo, definimos duas categorias básicas que entendemos refletir a natureza dos instrumentos tecnológicos. A primeira delas, os *instrumentos técnicos* pode ser descrita como aquela categoria de ferramentas desenhada para potencializar as capacidades físicas e realizar tarefas impossíveis aos seres humanos em seu estado físico natural, por exemplo, uma pá escavadeira, lápis, automóvel entre outros. A segunda categoria é a dos *instrumentos lógicos*, criados com o objetivo de potencializar as capacidades da inteligência. Atuam sistematizando e organizando tarefas impossíveis à execução dos indivíduos no campo lógico, por exemplo, a escrita, a ética, a matemática.

Ortega y Gasset, refletindo sobre a dualidade das necessidades técnicas e lógicas atendidas pelos artefatos, explicava: “*a vida consiste em uma série de dificuldades que é preciso resolver; umas, corporais, como alimentar-se; outras, chamadas espirituais, [...]. O homem reage a essas dificuldades inventando instrumentos corporais e espirituais, que facilitam sua luta contra elas.*” Seguindo o raciocínio Ortega y Gasset aponta para a cultura destacando-a como instrumento essencial, caracterizadora da condição humana. Conclui o ensaísta: “*É preciso que a memória se esforce por conservá-la. Mas a memória não é sequer capaz de conservar todas nossas próprias idéias, e é muito importante que possamos conservar as de outros homens.*” (ORTEGA Y GASSET, 2006:16)

É, pois, sob esta perspectiva que a criação da escrita e o desenvolvimento dos suportes vão permitir o surgimento do documento, um tipo de “instrumento para ensinar”, passar o conhecimento adiante. Dito de outra forma, o uso articulado destas duas categorias de ferramentas – *técnicas e lógicas* – materializou o documento, desta fusão emergiu uma das mais transformadoras tecnologias da humanidade o *homo docere*² – aquele que dissemina socialmente o conhecimento.

1 Sobre este tema ver também: Leroi-Gourhan. André. *Gesto e a Palavra, 1 - Técnica e Linguagem*. Coleção Perspectiva do Homem vol. 1. Lisboa. Edições 70. 2008. 240p.

2 Refiro-me a união de instrumentos técnicos e lógico, respectivamente suporte e escrita. O termo latino *docere*, refere-se ao ato de ensinar, de mostrar etmo de onde deriva a palavra documento cuja acepção primitiva, agrega-se ao significado de



2. AS FERRAMENTAS COMO EXTENSÃO DO HOMEM.

Em 1964, Marshall McLuhan difundiu um modelo instrumental para compreensão do fenômeno comunicativo, baseado na idéia de que o homem constrói as ferramentas; as ferramentas constroem o homem.³ O postulado macluhaniano se disseminou por décadas de diversas formas e parece re-emergir mais tarde na noção de cultura semiótica proposta por Clifford Geertz que enxergava o homem como um “animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. (GEERTZ, 1989:15) (MCLUHAN, 2001)

McLuhan a seu turno parece ter bebido dos postulados do filósofo espanhol Ortega y Gasset, para quem o conhecimento era visto como um instrumento de memória. Diz Ortega y Gasset: “*um instrumento que reduzisse a dificuldade de conservar todas as idéias. Este instrumento é o livro. Inevitavelmente, quanto mais se acumule do passado, maior será o progresso.*” (ORTEGA Y GASSET, 2006:29)

Marilena Chauí também defende o postulado, apontando os instrumentos técnicos como prolongamentos de capacidades do corpo humano, destinados a ampliar a “*relação do nosso corpo com o mundo*”. (CHAUÍ, 2002:278). A idéia dos instrumentos como extensão do corpo ganha expressão na fala de Jorge Luiz Borges **para quem**: “*Dos instrumentos do homem, o livro é, sem dúvida, o mais assombroso. Os demais são extensões do corpo*”, e concluía: “*o livro é extensão da memória e da imaginação*”. (BORGES, 1994).⁴ O pensador argentino reforçava a idéia de artefato extra corpóreo que pouco depois seria celebrizada por Antonio Battro para modelos e tecnologias expansoras das competências cognitivas. Segundo este autor, estes artefatos operavam como “*próteses mentais*”. (BATTRO, 1986:81). Idéia semelhante aquela defendida pelo cognitivista David Rumelhart que, justificando o pensamento abstrato, sugeria que a razão lógica somente seria possível graças a “*existência de tecnologias intelectuais externas aos sistemas cognitivos humanos*”. (RUMELHART, 1981:190). Não menos importante para esta discussão é o conceito de exo-memórias de GARCÍA GUTIÉRREZ, (GARCÍA GUTIÉRREZ 2004), ou o de “*interfaces*” defendido por uma polifonia de autores de disciplinas como o design e a semiótica.

Este conjunto reflexivo sobre os instrumentos tecnológicos nos conduz naturalmente aos conceitos de memória, que demandam debate permanente para sua pacificação, em especial no que toca aos sistemas de informação.

transmissão do conhecimento, e ao ofício da acessibilidade.

3 Assim a caneta seria uma extensão da mão, a câmera fotográfica uma extensão do próprio olho, a roupa uma extensão da pele e assim por diante. MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 2001.

4 “*O microscópio, o telescópio, são extensões da sua vista; o telefone é a extensão da sua voz; depois temos o arado e a espada, extensões do seu braço.*” *O Livro*. Conferencia proferida na Universidade de Belgrano, Buenos Aires, Argentina em 24 de maio de 1978. Borges, Jorge Luiz. *Obras Completas*, vol. IV. Buenos Aires: Emecé, 1994.



3. NOÇÕES DE SISTEMA E DE MEMÓRIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA UM SISTEMA MEMORIAL

Em campos distintos da ciência, o conceito de sistema é discutido por filósofos da antiguidade como Aristóteles e Platão, para explicar a estrutura do universo. Esse conceito, no entanto, excede o pensamento antigo ao evoluir com o raciocínio moderno dos cibernéticos com seus sistemas artificiais, até emergir no pensamento contemporâneo onde os sistemas são usados para explicar a situação sócio-política e econômica das sociedades, justificando então o caos existente.

No campo profissional, os fundamentos e noções de sistemas desempenham um papel dominante em muitos campos do saber. Essa função é representada pela formação de novos profissionais e de cursos que sob a nomenclatura de Projetos de Sistemas, Análise de Sistemas, Engenharia de Sistemas, Sistemas de Informação (SI), tem em seu núcleo as tecnologias como parâmetros essenciais. (BERTALANFFY, 2008).

Influenciada pela visão contemporânea, a Ciência da Informação (CI) vai mais além. Ela aplica as noções de sistema desde a integração e conexão oriundas de disciplinas como a Biblioteconomia, a Documentação e a Arquivística – e agora com a Gestão da Informação, ao buscar operacionalizar de forma holística, um conhecimento integral do fenômeno info-comunicacional e sua aplicação dos instrumentos tecnológicos para gestão, com os sistemas de informação eletrônicos.

Para entender os fundamentos dos sistemas de informação e sua aplicação no contexto da CI, importa proceder uma análise sintética do conceito de sistema, tipologias e estruturas, pois a origem e a evolução do conceito de sistema são complexas e abarcam conceitos que se entrelaçam e se complementam.

O conceito de Sistema que fazemos aplicação prática foi elaborado e apresentando inicialmente a partir da década de 20 do século passado pelo biólogo austríaco Ludwig Von Bertalanffy. O autor postulava que a biologia não podia ocupar-se apenas com o desvendar do que se passa no âmbito físico-químico ou molecular, mas sim, ocupar-se também da observação, compreensão do que ocorre nos níveis mais elevados de organização de matéria-vida (MELLO FILHO, 2004). Emerge a Teoria Geral dos Sistemas (TGS), desenvolvida por Ludwig Bertalanffy e pelo economista Kenneth Boulding com o objetivo de sintetizar idéias comuns às várias disciplinas do saber (CARAVANTES, 1998).

Observou-se a necessidade de se criar uma Teoria Geral dos Sistemas (TGS) devido à acentuada situação sociológica da ciência. Afirmava Boulding (1956) que a crise na ciência ocorreu devido à dificuldade crescente de um diálogo proveitoso entre cientistas como um todo. Na sua concepção, os objetivos da TGS podem estar relacionados à variedade dos níveis de ambição e confiança⁵.

5 No baixo nível de ambição, com um alto nível de confiança, ajuda a indicar as similaridades nas construções teóricas entre diversas disciplinas, e para desenvolver modelos teóricos que têm aplicação até para dois campos distintos de estudos. No alto nível de ambição, mas com um mais baixo nível de confiança, a TGS ajuda a desenvolver algo como um “spectrum” de teorias – um sistema de sistemas que pode ter a função de uma construção teórica “gestalt”. Por “gestalt” entende-se especiais campos que têm sido valorizados por estarem em direção a revelarem e preencherem as lacunas teóricas que possam existir nas disciplinas (BOULDING, 1956).



Consagrado em 1968 o conceito de sistema segundo Bertalanffy (2008), se desenvolveu no âmbito de duas tendências básicas nas “ciências dos sistemas” agrupando idéias, noções e conceitos relacionados a eles. De um lado, está a Cibernética, com uma tendência mecanicista, e do outro, a Teoria Geral dos Sistemas, sendo organicista.

A Teoria de Bertalanffy é considerada organicista porque se relaciona aos organismos ou sistemas naturais, biológicos e sociais ao propor uma teoria de princípios universais aplicáveis aos sistemas em geral, de natureza física, biológica ou sociológica, criando fundamentos básicos da interdisciplinaridade (BERTALANFFY, 2008). Já a Teoria Cibernética, do matemático Wiener, não surgiu com a preocupação de reprodução da natureza inanimada, mas sim como uma proposta de construção de sistemas que reproduzissem os mecanismos de funcionamento dos sistemas vivos. Ou seja, com a proposta de construção de simuladores de vida ou máquinas cibernéticas, sistemas artificiais (VASCONCELLOS, 2002).

Essas duas teorias sistêmicas, no decorrer do século XX, se desenvolveram paralelamente ao lidar com sistemas naturais e artificiais. Seus objetivos são conectar as partes que se comunicam, se integram e formam uma estrutura complexa única.

Nesse sentido, na opinião de Piero Mella⁶ (1997), é necessário definir operatorialmente o sistema tendo como fator essencial a percepção de estrutura como um complexo unitário composto por uma pluralidade de elementos. Estes elementos devem ser:

- (a) relacionados entre si e de tal forma que ele apresente características próprias, (b) que o estado de cada elemento dependa pelo menos de um outro e acabe condicionado pela estrutura toda, (c) esta, se assumir ou modificar o próprio estado, afecta os seus elementos, assumindo cada um deles um dado estado ou sofrendo uma modificação de estado e (d) todos os elementos são necessários para formar aquela estrutura (SILVA; RIBEIRO, 2002, p. 95).

Por seu turno, Silva e Ribeiro (2002, p.95) concluíram que “toda a estrutura é simultaneamente estruturada (o seu estado deriva dos elementos integrantes) e estruturante (o seu estado condiciona o dos elementos)”. E ainda “as noções de estrutura e de sistema, não sendo coincidentes, correspondem antes a uma concepção analítica e a uma síntese na observação dos elementos inter-relacionados”. (SILVA; RIBEIRO, 2002, 95).

Um sistema tem uma estrutura e uma organização. Em sistemas inanimados, a estrutura pode ser reconfigurada, e, desde que não afete a sua organização, ela continuará a ser um sistema. Dessa forma, “a estrutura de um sistema é a maneira como seus componentes interconectados interagem sem que mude a organização. (MARIOTTI, 1999, p. 01).

Portanto, a modificação estrutural não afeta a existência de um sistema, no entanto, a desarticulação estrutural, ou a desorganização da estrutura são possíveis causadoras da extinção de um sistema.

⁶Ver também: MELLA, Piero. **Dai Sistemi al pensiero sistemico**: per capire i sistemi e pensare con i sistemi. Milano: Franco Angeli, 1997. p. 25



A organização é a determinante de definição e a estrutura a determinante operacional. A primeira identifica o sistema, diz como ele está configurado. A segunda mostra como as partes interagem para que ele funcione. O momento em que um sistema se desorganiza é o limite de sua tolerância às mudanças estruturais. (MARIOTTI, 1999, p.02).

Quanto à natureza e significado, os sistemas são distribuídos por duas grandes classes: os organizados/operatórios, aqueles em que se verifica uma estrutura formada por órgãos, e os não organizados ou combinatórios, aqueles em que não se reconhecem relações organizativas. A unidade de um sistema organizado ou operatório não depende apenas da estrutura, mas ainda da organização estrutural, entendida como as relações estáveis das funções que dão sentido aos elementos, independentemente da sua especificidade. (SILVA; RIBEIRO, 2002).

Os sistemas abertos mantêm sua existência dinâmica a partir de um intercâmbio contínuo com o seu ambiente, essa é a forma pela qual suas características são unicamente perceptivas. (ROBREDO, 2002).

Já os naturais e artificiais apresentam uma distinção um tanto relativa. Os naturais não resultam da elaboração humana, ainda que o humano possa participar da sua gênese; nos artificiais acontece o contrário, pois implica uma elaboração humana. As máquinas e as organizações sociais são bons exemplos de sistemas artificiais organizativos e dinâmicos.

De fundamental importância são as noções de que os sistemas são determinados por sua estrutura (linear ou complexa) e que um sistema autopoietico se autoproduz utilizando para isso recursos do ambiente.

Para completar a caracterização dos sistemas organizados e operatórios, importa referir o agrupamento e hierarquização da Teoria Geral dos Sistemas, segundo a complexidade que se revestem.

A TGS fora apresentada “como um novo paradigma destinado a interpretar em termos sistêmicos todo o objeto de pensamento e de construir uma teoria da evolução de todo o universo”. (SILVA; RIBEIRO, 2002, p. 99).

Se considerarmos o contributo de Boulding (1956) é possível perceber o *sistema geral* como um modelo de referência para as observações de ordens sistêmicas. O sistema geral possui, então, memória e organização, sendo estas as propriedades que lhe permitem desenvolver comportamentos contínuos, que ocorrem sem interrupção.

3.1. A noção de memória aplicada à Ciência da Informação

O termo memória pode atender a vários significados, dependendo do campo em que esteja sendo aplicado, e seus conceitos variam tanto quanto são seus proponentes. Para o senso comum, o termo invoca de pronto a idéia de *pretérito*, sentido que se faz mais forte no trato de disciplinas



como a história, a arqueologia, e a arquitetura, onde a noção sedimentou-se desde longo tempo, firmando a conotação. Para a Ciência da Informação (CI), “*locus*” a partir de onde perspectivamos nossa observação, o tempo passado revela apenas parte de uma semântica incógnita, e essa aplicada a circunstâncias muito específicas.

Em CI, memória aproxima-se mais ao conotativo de estoque de informação, invocando a condição de registro memorial da herança cultural humana. A memória produzida ontem tem para a CI o mesmo valor como objeto de estudo que registros centenários, eleitos como representativos de interesse histórico ou patrimonial. Não cabe a CI a reconstituição do passado histórico memorial, antes busca entender a natureza dos registros e os fenômenos que envolvem a criação, o tratamento e o uso social da informação. Neste aspecto, a preservação, encontra-se *face-a-face* com seu senso etimológico latino, — *praeservare* — ou ainda: ‘observar previamente’, defender, resguardar, conservar. Ou seja: cuidar por antecipação mantendo livre de corrupção, dano ou perigo, entendimento apropriado ao ofício da curadoria, aquela função que busca zelar pelo interesse público sobre os produtos da inteligência.

Para além da idéia de pretérito, outra condição que naturalmente se agrega a noção de memória é a idéia de custódia. Esta temática tem sido competentemente explorada nos últimos anos em um largo debate que vem ajudando na compreensão de dilemas do custodialismo.⁷

O paradigma custodialista pode ser visto como o processo que conduziu as práticas laborais de uma categoria de profissionais da informação a uma super-especialização de ofício, fenômeno marcado pela valorização na função da guarda em detrimento do acesso. Em muitos casos este debate concentrou-se no combate às funções técnicas, como se estas fossem responsáveis pelos desfortúnios das disciplinas que operam a informação. O debate trouxe como progresso a evidência da persistência da assimetria funcional da custódia sobre o acesso e ainda novas abordagens e metodologias que incrementaram a eficiência da difusão do conhecimento com base na observação científica. Resta claro, entretanto, que uma parte importante dos fundamentos históricos do fenômeno do custodialismo⁸ ainda carece de aprofundamento de estudos

4. SISTEMAS MEMORIAIS COMO CATEGORIA DE TRABALHO

“*a definição de informação está associada a algum tipo de sistema*”. ROBREDO, 2003, p. 103

Antes de seguir adiante, na discussão substantiva desta reflexão, faz-se necessário explicitar um conceito instrumental, utilizado como categoria de trabalho nesta análise. O *Sistema Memorial*,

7 SILVA, Armando Malheiro da. *A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento, 2006. Ver também: Malheiro, Armando. Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação / Armando Malheiro, Fernanda Ribeiro □ Recife: Néctar, 2011. 217p.

8 Para caracterização do paradigma custodial, ver: RIBEIRO, Fernanda. *Gestão da Informação / Preservação da Memória na era pós-custodial: um equilíbrio precário?* Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14053/2/gestaoainformacao000073255.pdf> ver também RIBEIRO, Fernanda - Archival Science and changes in the paradigm. *Archival Science : international journal on recorded information*. Dordrecht [etc.]. ISSN 1389-0166. 1:3 (2001) 295-310.



modelo que propõe uma leitura do conjunto de segmentos interdependentes de missão memorial atuante no universo dos arquivos, bibliotecas museus e outros serviços públicos e/ou privados que, por sua natureza, são operadores no campo do resgate, preservação e acesso aos bens do patrimônio memorial.⁹ O modelo proposto é partilhante da visão sistêmica (BERTALANFFY, 2008), instrumental metodológico que nos ajuda a enxergar cadeias de relações entre partes cooperantes, permitindo a análise e geração de explicativos sobre domínios complexos e funcionamento de sistemas sociais. São componentes naturais dos sistemas memoriais os programas estratégicos de promoção, preservação e acesso ao patrimônio memorial, bem como a informação de interesse histórico custodiada por instituições de missão memorial.

O instrumental lógico da visão sistêmica alargou a capacidade intelectual humana, nos permitindo enxergar o mundo natural sob um novo olhar. O pensamento sistêmico classificou e organizou segmentos cooperantes por cadeias relacionais gerando explicativos dotados de uma coerência e consistência até então pouco comuns.

Graças à expansão e conseqüente popularização desse pensamento é possível a compreensão clara e pacífica de conceitos organizacionais. A visão sistêmica permite o entendimento da natureza de seus componentes e os relacionamentos interoperacionais existentes entre suas partes sintáticas.

Os sistemas pré-existem à sua qualificação nominativo-funcional, a visão sistêmica permite a visualização de entidades orgânicas que somente existem em um nível lógico. Sistema memorial é, portanto, uma forma lógica de apreensão da realidade, trazendo às coisas da natureza uma representação que corresponde a uma ordem lógica, reconhecível e previsível, um sistema.

A formulação de sistema memorial não busca uma representação do mundo real, mas o desenho dos traços fisionomiais de uma realidade cujo conjunto permite a percepção de uma condição de ordem e a proposição de uma forma operativa dirigida a um dado objetivo.

Esta visão confere sentido ao grupo viabilizando a análise da performance do todo com base na eficiência do papel exercido pelas partes. Pretende-se com esta abordagem analisar a evolução da cultura, da preservação, do acesso e da gestão da informação nos sistemas memoriais, o papel e a influência da tecnologia da informação na formatação dos conceitos reconstruídos do conhecimento.

Esta reflexão deságua naturalmente no argumento que busca qualificar memória em duas dimensões, como recurso e como instrumento social, posição corroborada por autores invocados no correr do texto com o adjutório dos quais se pretende ter levantado um corpo argumentativo que sustente a idéia instrumental da memória como potencializadora de competências físicas e lógicas humanas.

Passadas duas décadas desde a instalação social do ciberespaço e da emergência da tecnologia da informação como capitã da economia global, já se pode falar com alguma segurança histórica sobre o processo de câmbio social resultante desta dinâmica. A literatura especializada sobre o fenômeno

⁹ Segundo Armando Malheiro Instituições Memorialistas. *As instituições memorialísticas e custodiadoras geradas pelo Estado-Nação e incorporadas mais tarde (depois da Segunda Guerra Mundial) no Estado Cultural, tais como os Arquivos, as Bibliotecas e os Museus.* (SILVA, 2006:159).



é abundante, multidisciplinar e registra um debate eloquente sobre o tema e suas implicações. Uma conclusão que permeia a pluralidade de opiniões é a que aponta para mudanças sociais na relação do conhecimento com as novas interfaces do documento e, que busca mensurar a profundidade e extensão do impacto causado pelo choque da nova massa digital sobre o ambiente analógico ancestral.

Uma dessas mudanças que nos interessa de modo especial é o aparente surgimento, no caudal deste processo fusionista de um novo domínio de conhecimento, formado pelo sombreamento do campo de campos diversos, que guardam, em alguma instância de sua missão de ofício, a função de resgate, guarda, preservação e acesso ao conhecimento. Este campo interdisciplinar tem sido designado por alguns autores de sub-*Domínio da Memória*.

5. METODOLOGIA

O ponto de vista que se elege é o da Ciência da informação, como ativo referencial de reflexão sobre os fenômenos sociais que abraçam a temática. A investigação busca dar organicidade a pesquisas que vem sendo realizadas por pesquisadores ligados ao departamento de Ciência da Informação da UFPE a mais de 15 anos. Dito de outra forma busca-se a institucionalização cognitiva e social da idéia de memória como um campo de observação científica. Neste contexto, cabe investigar como se dá materialidade para que esta função se cumpra bem, como os fenômenos afetos ao resgate, a guarda, a curadoria e a difusão dos produtos da memória se desenvolve através da história.

Para este fim desenvolveu-se o roteiro que se segue, municiado de um conjunto de estratégias metodológicas que nos servirão de guia para execução da investigação. A pesquisa será descritiva de natureza exploratória, através da qual se procurará observar, descrever, registrar, analisar e inter-relacionar conhecimentos, teorias e fatos (LESCHER & MATOS, 2002). A abordagem é de cunho qualitativo, uma vez que está interessada na significação e contextualização dos dados e não na exposição simples das informações em si (MARCONI & LAKATOS, 2007).

O roteiro investigativo contará com recursos de pesquisa bibliográfica e documental, observação participante e mapeamento inicial dos trabalhos de campo. As etapas da investigação serão acompanhadas e registradas em *diário de pesquisa* que nos auxiliarão nas análises transversais de conteúdo. Para operacionalização da pesquisa proposta, faz-se necessário a eleição de uma seleta de questionamentos, levantados com o objetivo de promover um debate teórico a respeito da função social, suas implicações no desenvolvimento tecno-social do subdomínio da memória. A aplicação destes procedimentos se dará seguindo a seguinte distribuição:

1) *Pesquisa bibliográfica*, etapa que busca subsídios e recursos bibliográficos, onde se fará a seleção, identificação, registro e a recuperação das fontes de informação, que nos auxiliarão a formar o quadro de fundamentação teórica do estudo. Para este fim se procederá o levantamento bibliográfico com foco nos temas: Epistemologia, Teoria do Conhecimento e Ciência, prospectados em obras clássicas e contemporâneas destas áreas. Esta teorização bibliográfica trata de categorizar os



estudos efetuados, de maneira a possibilitar uma lista possíveis focos de análise. Estes, por sua vez, são escolhidos de acordo com sua relação com os outros procedimentos de produção de dados à guisa de análise e discussão dos resultados. Deste trabalho deverá resultar a *delimitação das fronteiras do campo de estudo*, tarefa a ser realizada pela organização de reuniões com grupos de pesquisa do PPGCI e reuniões com pesquisadores e mestrados, realizadas em um cronograma a ser definido posteriormente. Considerando-se que esta é uma pesquisa de cunho epistemológico, o material teórico oriundo da pesquisa bibliográfica, para além da função de mapeamento prévio, constitui fonte produtora e analisadora de dados. Desta forma, além dos temas citados no momento anterior, serão mapeados estudos relacionados diretamente com *teoria da memória*, com o fim de elucidar de possíveis categorias de discussão para esta pesquisa

2) *Constituição do fundo documentário*. Esta etapa pretende adquirir e recuperar para o acesso desimpedido as fontes levantadas e sua organização em uma biblioteca digital, para este fim estão previstas as seguintes tarefas: Aquisição de material bibliográfico, Recepção, classificação, registro, Organização de grupo estudo e Identificação e formação do grupo de interesse.

3) *Definição de temas dos seminários*. Este tópico trata do levantamento de temas de interesse, da organização dos eventos planejados e da realizar dos seminários.

4) *Proposta de constituição do campo de estudo*. Esta etapa será dividida em ações de Elaboração do modelo teórico; Submissão aos pares para legitimação do conceito de memória ao campo científico da CI e difusão da proposta no âmbito do PPGCI Finalmente a etapa;

6) *Elaboração de relatório final com os resultados da pesquisa* trata da elaboração do relatório final e remessa ao CNPq.

Abstract: summary

This article describes the research entitled Systems Memorials and reflects the concerns demanded by researchers associated with the research group memory and Society at the Graduate Program in Information Science (PPGCI) and the Liber Laboratory, all linked to the Department of Science information from the Federal University of Pernambuco (UFPE-DCI). From a systemic approach, the project seeks to understand the epistemological foundations that surround specific memory, here understood as a scientific object of affection to the field of information science. To this end, we try to (explain, embody, substantiate) the point of view that includes the memory as the scientific field, from which it intends to build a chain of meanings relational, instrumental logic, used to support this theory group postulates. The proposition is justified in its usefulness for disentangling the theoretical notion of memory as a research subject to the field of Information Science (CI), since it allows constant philosophical questions that will govern the ethical principles and motivation among researchers. Becomes the objective of the permanent questioning of the responsibility and the social function of the body of theory that underpins the action PPGCI scientific and research groups associated with it.



REFERENCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. coordenada e revisada por Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- BATTRO, Antonio M. *Computación y aprendizaje especial*. Buenos Aires: El Ateneo, 1986.
- BERTALANFFY, Ludwig Von. *Teoria Geral dos Sistemas*. Rio de Janeiro, Vozes, 2008, 360p.
- BLANCHÉ, R. *L'épistémologie*. Paris: PUF, 1972.
- BORGES, Jorge Luiz. *Obras Completas*, vol. IV. Buenos Aires: Emecé, 1994.
- CASTRO, César Augusto. *História da Biblioteconomia Brasileira*. Brasília: Thesaurus Editora, 2000.
- CASTRO, César Augusto e RIBEIRO, Maria Solange Pereira. As contradições da Sociedade da Informação e a Formação do Bibliotecário. In: *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 41-52, jan./jun. 2004. p. 44.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2002.
- CONSOLINI, B.; GALINDO, Marcos; Report AWAD. The Atlantic World and the Dutch, 1500–2000: a mutual heritage project (workshop Brazil). In: GALINDO, Marcos; CONSOLINI, Barbara. (Org.). *Awad Workshop Brazil: the ATLANTIC World and the Dutch, 1500–2000: a mutual heritage project report*. Recife: Nectar, 2006, p. 19-63.
- FOUCAULT, M. *Les Mots et les Choses*. Paris: Gallimard, 1990. GALINDO, Marcos; CARDOSO, M. J.; PRUDENCIO, R. B. P.; BARROS, F. A.. Gerenciamento e interoperabilidade entre bibliotecas digitais. In: Diego A. Salcedo; Maria Cristina Guimarães Oliveira; Maria Mercedes Dias Ferreira Otero. (Org.). *Construção, práticas e identidade da Ciência da Informação*. Recife: NECTAR, 2009, p. 79-101.
- GALINDO, Marcos; VAN'T SANT, Onno Hattinga. *Memória partilhada: o mundo atlântico e os Países Baixos*. In: GALINDO, Marcos. (Org.). *Shared memory. AWAD workshop Brazil: report the atlantic world and the Dutch*. Recife: Nectar, 14 ed, 2006.
- GARCÍA GUTIÉRREZ. Antonio. Exomemoria y Cultura de Frontera: Hacia una ética transcultural de la mediación. *Redes.com* N° 1.2004.
- GARCÍA GUTIÉRREZ. Antonio. *Redes digitales y exomemoria*.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. *Outra memória é possível: estratégias descolonizadoras do arquivo digital*. São Paulo: Vozes, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- HEIDEGGER, Martin. *The question concerning technology*. In: *The Question Concerning Technology and Other Essays*. New York: Harper and Row, 1977.
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao Pensamento Epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- JAPIASSU, H. *Introdução à Epistemologia da Psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.



- LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. Porto: Rés, 1985.
- LEROI-GOURHAN. André. *Gesto e a Palavra, 1 - Técnica e Linguagem*. Coleção Perspectiva do Homem vol. 1. Lisboa. Edições 70. 2008.
- LESCHER, Sofia. MATOS, Kelma S. L. *Pesquisa educacional – o prazer de conhecer*. Fortaleza: EdUFC, 2002.
- LIMA, Artemilson. **Tecnologia: Conceitos fundamentais e teorias**. In: **Fundamentos e práticas na EAD**. Secretaria de Educação a Distância – SEDIS. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. **Material em meio digital**. S/D.
- MARCONI, M. e LAKATOS, E. M. *Metodologia Científica*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- McHENRY, H.M. *Evolution: The First Four Billion Years*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009.
- McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- NONATO JÚNIOR, Raimundo. *Epistemologia do Secretariado Executivo: por uma teoria do conhecimento em Secretariado*. Disponível em: http://www.fenassec.com.br/pdf/artigos_trab_cientificos_consec_1lugar.pdf capturado em 18 de agosto de 2010.
- NONATO JÚNIOR, R. *Gestão dos Recursos da Informação nas Ciências Sociais Aplicadas: uma abordagem para Secretariado Executivo*. In: Congresso de Ciências Sociais Aplicadas (Anais). Guarapuava: UNICENTRO, 2007.
- ORTEGA y GASSET. José. *Missão do bibliotecário* Tradução e posfácio de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF : Briquet de Lemos, 2006.
- RIBEIRO. Fernanda. *Gestão da Informação / Preservação da Memória na era pós-custodial: um equilíbrio precário?* Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14053/2/gestaodainformacao000073255.pdf>
- RIBEIRO, Fernanda - *Archival Science and changes in the paradigm*. *Archival Science : international journal on recorded information*. Dordrecht [etc.]. ISSN 1389-0166. 1:3 (2001) 295-310.
- RUMELHART, David. E. *Schemata: the building blocks of cognition*. In: GUTHRIE, J. T. (Ed.) *Comprehension and teaching: research reviews*. New Haven: International Reading Association, 1981.
- SILVA, Armando Malheiro da. *A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.
- STRINGER, C.B.. *The Cambridge Encyclopedia of Human Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- VYGOTSKY, Liev Seminovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 191p.